

O grande desafio. Marxismo, partido e revolução

*BERNARDO CERDEIRA**

A última década esteve marcada por um dos maiores ataques ideológicos que o marxismo sofreu no século XX. Não estamos falando de um ataque repressivo e militar (algo que também se deu) mas de uma contra-ofensiva política e ideológica levada a cabo pelos ideólogos, partidos, líderes políticos e meios de comunicação do imperialismo. A “morte do socialismo”, a vitória final do capitalismo, o “fim da história”, a inevitabilidade da globalização, a supremacia do mercado sobre as economias estatais, a superioridade da política neoliberal, todas essas ideologias, veiculadas muitas vezes sob o rótulo de “teorias”, constituíram um verdadeiro fogo cerrado contra o movimento dos trabalhadores e os movimentos populares em geral.

O marxismo era, e continua sendo, atacado como falso “determinismo histórico”. A revolução socialista foi tachada de idéia completamente ultrapassada pela evolução dos acontecimentos nesse fim de século. Essa ofensiva se estendeu às universidades refletindo-se no avanço de ideologias reacionárias.

A base objetiva dessa ofensiva se apoiou em dois processos. O primeiro foi a restauração do capitalismo na ex-União Soviética, no Leste Europeu e depois nos demais países chamados, erroneamente em nossa opinião, “socialistas”. Antes, entre 1989 e 1991, a maioria desses países tinha vivido a derrocada dos regimes stalinistas que vigoravam até então. Num primeiro momento, a queda desses regimes, provocada por uma combinação de fatores dentre os quais cumpriu um peso decisivo a ação das massas, foi muito positivo. Durante décadas o stalinismo prostituiu e vulgarizou o marxismo e cometeu barbaridades em seu nome: associou a idéia do socialismo à do totalitarismo, a monstruosas ditaduras, privilégios burocráticos e colaboração de classes. A queda dos regimes stalinistas permitiu que o movimento operário internacional sacudisse de suas costas

*Bernardo Cerdeira é jornalista e membro da direção nacional do PSTU.

o jugo daquela burocracia nefasta. Mas, infelizmente, a falta de uma direção revolucionária alternativa, abriu caminho para que essas mesmas direções burocráticas conduzissem os trabalhadores ao beco sem saída da restauração capitalista.

O outro processo que deu base à ofensiva reacionária dos anos 90 foi a ascensão do neoliberalismo como modelo atual do capitalismo imperialista. Baseado na superexploração dos países dependentes, arrastando-os à uma nova colonização; na restauração capitalista nos países do chamado “socialismo real” (*sic*), e numa nova acumulação capitalista apoiada nas privatizações e na “flexibilização trabalhista”, o neoliberalismo significou um fortalecimento econômico, político e ideológico do capitalismo.

No entanto, essa euforia burguesa não chegou a durar sequer uma década. Atualmente o mundo está imerso em uma profunda crise econômica. Entre a classe dominante o entusiasmo foi substituída pelo desconcerto, o que mostra a fragilidade do capitalismo mundial em sua fase de decadência. A confusão entre as burguesias imperialistas vem em primeiro lugar pela crise do modelo neoliberal, exatamente porque ruiu a base objetiva, material, da sua confiança anterior no êxito histórico do capitalismo.

As saídas reformistas e as tentativas de recauchutagem do neoliberalismo, levadas a cabo pela social-democracia, igualmente fracassaram. A social-democracia atual já não é sequer reformista. A chamada *terceira via* de Tony Blair não passa de uma política neoliberal com um leve verniz de demagogia social.

A atual crise mundial do capitalismo coloca de novo na ordem do dia a atualidade da disjuntiva marxista “Socialismo ou barbárie”. A ameaça da barbárie, na forma de fome, guerras, desemprego em massa, desastres ecológicos e muitas outras, é mais concreta do que nunca e impõe à classe operária a urgência de superar essa contradição ou perecer. Essa é a base objetiva, a necessidade, da revolução socialista.

A crise do capitalismo não é apenas econômica. É uma totalidade, também política e ideológica, e vem provocando uma dinâmica de fortalecimento do movimento operário e da política socialista. O aumento da resistência dos trabalhadores e a possibilidade de um crescimento das lutas se combinam com uma crescente revalorização do marxismo. As comemorações referentes aos 150 anos do *Manifesto Comunista* trouxeram à luz um processo que até então se encontrava subterrâneo. Os jornais publicaram cadernos especiais, documentários foram mostrados nos canais de televisão e um sem número de debates, mesas-redondas e seminários ocuparam os espaços das universidades e sindicatos.

Até mesmo a grande imprensa dos Estados Unidos e Inglaterra, as duas pátrias-mães da política neoliberal, reconheceu o fato. A revista *New*

Yorker publicou um artigo onde Marx era tratado como grande analista do sistema capitalista e até mesmo o sisudo *Financial Times* o apresentou como um “sutil analista da sociedade capitalista”.¹

O *revival* de Marx e do marxismo é, entretanto, seletivo. Anuncia-se a atualidade do Marx analista do capitalismo, mas condena-se o defensor da revolução socialista, do internacionalismo, da organização da classe em partido e do potencial revolucionário da classe operária. Os últimos anos têm visto uma retomada das lutas operárias nos países imperialistas, sem que isso tenha levado a grande imprensa e boa parte da academia a se lembrar das análises marxistas da luta de classes. Ao separar o Marx analista do Marx revolucionário procura-se esterilizar o próprio marxismo.

O marxismo é a única teoria científica que pode explicar a catástrofe que ameaça o mundo e, ao mesmo tempo, permitir a elaboração de um programa para enfrentá-la. Mas o marxismo é mais do que isso, é um método, um guia para a ação. Ou como afirma a Tese XI das *Teses sobre Feuerbach* de Marx: “Os filósofos não fizeram mais que *interpretar* o mundo de forma diferente: trata-se porém de *transformá-lo*.”

Crise e decadência do capitalismo imperialista, “socialismo ou barbárie”, a revolução socialista como única possibilidade de superar essa contradição e a classe operária como única força viva capaz de galvanizar as demais nesse gigantesco esforço. Todos esses elementos se concentram inevitavelmente no problema da direção, do instrumento necessário para dirigir a classe operária na luta pela tomada do poder político: o partido revolucionário. Trotski o sintetizou de forma genial ao afirmar: “A crise histórica da humanidade se reduz à crise da direção revolucionária”.²

Revolução e partido no Brasil contemporâneo

A revolução brasileira como conceito, possibilidade, expressão de interesses estratégicos de classe e síntese de um programa, está de novo na ordem do dia. A crise mundial do capitalismo abre uma nova etapa da luta de classes. O papel chave do Brasil na economia latino-americana e mundial e a dimensão da sua crise econômica, recolocam a revolução brasileira em toda sua atualidade.

Por mais de uma vez nesse século, a agudização da luta de classes colocou em termos mais concretos a perspectiva da revolução no Brasil. Alguns desses períodos críticos foram os primeiros anos da década de 60

1. J. Cassidy, “The next thinker: the return of Karl Marx”. *New Yorker*, 20/8/97 e P. Aspden, “The place where all workers are united”. *Financial Times*, 28-29/3/98.

2. L. Trotski, *Programa de transição — A agonia mortal do capitalismo e as tarefas da Quarta Internacional*. São Paulo, Informação Editora. 1989.

e a década decorrida de 1978 a 1989, que correspondeu à queda do regime militar e às grandes lutas operárias.

Nesses períodos da luta de classes o ponto central da revolução esteve sempre concentrado na questão da direção da classe operária, e mais concretamente do partido da classe trabalhadora. A classe operária brasileira e as diferentes vanguardas que surgiram nesses processos tiraram suas lições da experiência histórica. Sua consciência avançou de acordo com o desenrolar da luta de classes, ou seja, através de avanços e retrocessos e, às vezes, por saltos. O desenvolvimento dessa consciência de classe quase sempre esteve atravessada pela existência de correntes internacionais oportunistas e burocráticas, que exerceram considerável influência sobre esses processos de reorganização.

A consequência dessa influência foi extremamente negativa. Durante esse século, e principalmente em seus momentos cruciais, os partidos da classe trabalhadora no Brasil nunca adotaram como estratégia a revolução socialista, o que significa que nunca adotaram um programa para mobilizar as massas em direção à tomada do poder.

Na verdade, os grandes partidos da classe operária brasileira nunca tiveram sequer uma estratégia e um programa classistas consequentes. O máximo a que se chegou, nos primeiros anos de formação do Partido dos Trabalhadores, foi a uma independência de classe “prática”, não-materializada num programa e portanto sem estratégia classista e socialista. O classismo inicial do PT refletia muito mais a pressão da mobilização e do amplo movimento pela organização de entidades de classe, como a CUT.

No período anterior, entre 1945 e 1964, o Partido Comunista foi a única alternativa operária de direção para a classe trabalhadora brasileira, já que o PTB era diretamente um partido burguês. No entanto, sua direção seguiu a política stalinista clássica de subordinação permanente aos partidos burgueses, o que significava, no caso brasileiro, subordinação ao já citado PTB. O fundamento “teórico” dessa política era a estratégia revolução democrático-nacional-popular, ou seja democrático-burguesa, pretendida ante-sala de um longo período de desenvolvimento capitalista e estabilidade burguesa. Essa política do PCB culminou em uma verdadeira traição, quando a direção do partido convoca a classe operária brasileira a confiar na reação do setor nacionalista das Forças Armadas frente ao golpe reacionário de 1964. A vitória do golpe militar, praticamente sem resistência, significou também o início da desintegração do Partido Comunista Brasileiro.

As organizações de luta armada que surgiram na esteira dessa crise, arrastaram milhares de militantes que reivindicavam a revolução. A vanguarda que rompia com o PCB tinha genuínas aspirações revolucionárias mas suas organizações, influenciadas pelo “foquismo”,

substituíram a ação de massas por ações armadas individuais ou de pequenos grupos. E o que é pior, totalmente deslocados de uma avaliação correta da luta de classes. Por outro lado, defendiam um programa e uma estratégia profundamente reformista que em essência se mantinha dentro da estratégia da revolução “nacional e popular”.

O grande ascenso do movimento de massas contra a ditadura militar, iniciado no fim dos anos 70, produziu a maior esperança dos trabalhadores brasileiros e de sua vanguarda: ter finalmente um partido independente, classista e com uma estratégia socialista. Afinal o PT nasceu das lutas operárias. Sua política concreta, durante os primeiros anos de sua existência, significou um imenso passo positivo para a classe trabalhadora brasileira. Pela primeira vez um partido operário aparecia em eleições com uma política independente dos partidos burgueses.

Mas essa política independente nunca chegou a se traduzir numa estratégia de revolução socialista e de tomada de poder através da mobilização da classe operária e seus aliados. O classismo do PT foi muito mais fruto da pressão do ascenso e de uma grande vanguarda surgida principalmente no movimento sindical a partir de 1978/79. Esse limite, permitiu que a direção do PT, sob o impacto de dois processos objetivos, um nacional e outro internacional, conduzisse o partido a uma mudança profunda do seu caráter. No plano nacional a profunda adaptação do partido ao regime “democrático-burguês” fez com que as derrotas nas eleições presidenciais de 1989 e 1994 pusessem em crise uma estratégia já pronunciadamente eleitoral. No plano internacional, a queda dos regimes do Leste, eliminando as “referências”, e posteriormente a restauração do capitalismo e a contra-ofensiva política, militar e ideológica do imperialismo, levaram a direção do PT a girar à direita e buscar a social-democracia como guia.

O partido abandonou qualquer veleidade socialista e passou a defender uma “inserção soberana” dentro do capitalismo imperialista “globalizado” desse fim de século e pequenas reformas dentro do sistema. Atualmente defende a democracia (e as instituições burguesas como o parlamento e a constituição) como um valor universal. Adotou o conceito de cidadania em lugar do conceito de classe, o que significou “governar para todos” (inclusive a burguesia) onde o partido assumiu governos estaduais e municipais. Seu programa se limita a propor um “desenvolvimento sustentado” dentro do capitalismo. Sua tática permanente é a de uma aliança com uma fração da burguesia. O PT continua sendo um grande partido de esquerda mas um partido eleitoral e de “acordos” com a burguesia seguindo a nefasta “tradição” da social-democracia neste século.

A situação atual prenuncia um novo período de reorganização para a classe operária e os setores populares do país. Está colocado um enorme

desafio para todos os trabalhadores de vanguarda, estudantes e intelectuais que continuam a reivindicar a revolução socialista e o marxismo: a construção de um novo partido revolucionário capaz de agrupar dezenas de milhares de militantes e de dirigir a revolução brasileira. Mas que tipo de partido seria esse?

Sem dúvida um partido de combate, que esteja presente nas grandes e pequenas lutas da classe operária e dos setores populares. E que reivindique o método da ação direta, da *mobilização das massas*, e não a ação parlamentar, como o centro da sua atividade.

Mas também um partido que, em oposição às alianças com a burguesia, defenda a independência do proletariado diante de qualquer setor burguês. Um partido operário que lute para unir os trabalhadores da cidade e do campo como única saída para a revolução brasileira, e que no marco de uma estratégia socialista revolucionária, tenha uma proposta para os sem-terra, os sem-teto e todos os setores populares.

O partido que se necessita deve ser unido na ação mas realmente democrático, baseado na mais ampla liberdade de discussão, no funcionamento dos organismos de base e no direito de tendências e frações. Um partido com um método honesto e leal de relacionar-se com outras organizações da esquerda socialista, sem calúnias ou agressões.

Em suma, um partido internacionalista que tenha como objetivo a luta pela Revolução Socialista mundial. Construí-lo é uma tarefa que está colocada para toda a esquerda revolucionária, para milhares de trabalhadores e jovens, para os grupos da esquerda socialista do PT e da CUT. Nesta imensa tarefa há lugar de destaque para um trabalho fecundo dos intelectuais marxistas revolucionários comprometidos com a luta dos trabalhadores. Desenvolver essa perspectiva nova, distinta e superior, do ponto de vista político, programático e ideológico, ao processo de construção do PT dos anos 80, constitui o grande desafio para o marxismo no Brasil neste fim de século.

CERDEIRA, Bernardo. O grande desafio. Marxismo, partido e revolução. *Crítica Marxista*, São Paulo, Xamã, v.1, n.8, 1999, p.129-134.

Palavras-chave: Marxismo; Partidos políticos; Revolução.